



O ESTÁGIO CURRICULAR COMO MOMENTO PRÁXICO NO CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM: UNIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA?

Amailson Sandro de Barros*
Carlos Herold Junior**

* Bacharel em Psicologia, mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Campo Real (Guarapuava, Paraná). E-mail: amailsonbarros@gmail.com.

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro, Campus de Guarapuava, Paraná. E-mail: carlosherold@hotmail.com.

Recebido para publicação em:
23.07.2012
Aprovado em 8.07.2013

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir a relação entre teoria e prática na formação profissional do Técnico de Enfermagem, tendo como pano de fundo a realização do estágio curricular. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas, individualmente, com doze alunos-estagiários e três professores supervisores de estágio. Os resultados obtidos apontam para a dissociação entre teoria e prática, a responsabilização dos alunos por seus méritos e fracassos, a dupla face do estágio – o real e o ideal. Na totalidade dos resultados, evidencia-se que a superação do ensino tecnicista é ação ainda a ser conquistada na formação profissional de nível médio.

Palavras-chave: Estágio curricular. Técnico de enfermagem. Relação teoria e prática.

Abstract

The Curricular traineeship as a practical movement in Nursing Technical course: Unity between theory and practice? This work aims to reflect on the relation between theory and practice in the professional training of Nursing Technical courses, against the backdrop of the traineeships completion. The data were collected through semi-structured interviews individually carried out, with 12 students-trainees and three supervisor teachers of training course. The results obtained point to the dissociation between theory and practice, the students' accountability for their merits and failures, the

practice double face – the real and the ideal. In all results, it was shown that the technical education overcoming is an action yet to be conquered in the middle level vocational training.

Keywords: Curricular traineeship. Nursing Technician. Theory and practice relation.

Resumen

La Práctica curricular como momento de praxis en el curso Técnico de Enfermería: ¿Unidad entre teoría y práctica? Este trabajo tiene como objetivo discutir la relación entre teoría y práctica en la formación profesional del Técnico de Enfermería, teniendo como telón de fondo la realización de las prácticas curriculares. Los datos fueron recogidos a través de entrevistas semi-estructuradas realizadas, individualmente, con 12 alumnos en prácticas y tres profesores supervisores de las prácticas. Los resultados obtenidos señalan la disociación entre teoría y práctica, la responsabilización de los alumnos por sus méritos y fracasos, la doble cara de las prácticas – lo real y lo ideal. En la totalidad de los resultados, se evidencia que la superación de la educación tecnicista es una acción todavía a ser conquistada en la formación profesional de nivel medio.

Palabras clave: Prácticas curriculares. Técnico de enfermería. Relación teoría y práctica.


Introdução

Pensando na formação profissional do técnico de enfermagem, elegeu-se para este estudo tecer considerações a respeito da realização do estágio curricular supervisionado e, assim, refletir como ocorre a materialização dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos por alunos ao longo do curso. Acredita-se que o estágio curricular ultrapassa a ideia mecânica de atividade prática, entendendo-o como um momento significativo à construção da consciência social e política do aluno e à criação de vínculos éticos e afetivos entre ele e as pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, com seu futuro trabalho.

Nesse sentido, ao possibilitar a vivência em situações reais, nas quais o aluno deve agir inserido em um contexto mais próximo da realidade profissional, a organização e a supervisão do estágio no curso técnico de enfermagem, pensado a partir da ideia de uma educação para além do tecnicismo, buscaria compreender o processo saúde/doença não apenas pela visão positivista de cunho estritamente biológico, fisiológico e individual, mas o compreenderia inserido em um contexto histórico e sociocultural do qual faz parte o próprio aluno.

Dessa forma, o estágio apresenta-se, também, como um desafio ao aluno, que terá que articular, de forma reflexiva e crítica, conhecimentos teóricos com a prática de acordo com as reais condições e necessidades do campo de





Se o futuro profissional de enfermagem pode atuar como agente social, então, entende-se que a enfermagem é uma prática social, cujo objeto da atividade é o homem real e a sociedade

estágio. Ou seja, as ações teóricas e práticas possibilitam o conhecimento da realidade e estabelecem suas finalidades, sendo fundamental a unidade entre elas.

Essa proposta que se fundamenta na ideia de práxis, atividade teórico-prática indissociada, visa à superação dos dilemas surgidos a partir da dissociação entre teoria e prática. Isso significa que, ao entrar em contato com o trabalho – em específico, o trabalho da enfermagem – via estágio –, a atividade prática não deve se limitar a uma aplicação objetiva e parcial da técnica mecânica e rotineira, na qual se evidencia um divórcio entre o planejamento e a execução, mas como unidade de complexas relações teóricas e práticas, simultaneamente objetivas e subjetivas, que se apresentam como indissolúveis “na medida em que ela

mesma se guia ou orienta pela própria realização de seus fins” (VÁZQUEZ, 2007, p. 26).

Busca-se, assim, favorecer uma mobilização para o conhecimento, de maneira que o aluno-estagiário possa atuar como agente social capaz de mudanças coletivas e individuais no processo saúde/doença, e não apenas como mero aplicador de técnicas mecanizadas. Se o futuro profissional de enfermagem pode atuar como agente social, então, entende-se que a enfermagem é uma prática social, cujo objeto da atividade é o homem real e a sociedade.

Nessa perspectiva, a construção de conhecimentos inerentes ao trabalho de enfermagem articula-se à necessidade de aprendizagem e à atitude investigativa de situações problemas. Envolve, portanto, atividade cognoscitiva do objeto de sua atividade (homem e sociedade), saber técnico específico da área, sistematização das relações que caracterizam o processo saúde/doença e estabelecimento de finalidades para uma intervenção no objeto, a fim de transformá-lo para satisfazer a necessidade de saúde, seja ela coletiva ou individual.

Tem-se, a partir daí, que os resultados obtidos pela atividade humana, que por sua vez se orienta conforme determinada finalidade, não se reduzem a mera expressão mecânica.

Essa atividade se desdobra como produção de fins que prefiguram idealmente o resultado real que se quer obter, mas manifesta, também, como produção de conhecimento, isto é, na forma de conceitos, hipóteses, teorias ou leis mediante as quais o homem conhece a realidade. Entre a atividade cognoscitiva e a teleológica há diferenças importantes, pois enquanto a primeira se refere a uma realidade presente que pretende conhecer, a segunda se refere a uma realidade futura e, portanto, inexistente ainda (VÁZQUEZ, 2007, p. 223).

Ainda, de acordo com Vázquez, a atividade cognoscitiva (conhecimento) em si não implica exigência de ação efetiva, enquanto que a atividade teleológica exige implicitamente sua realização, da qual se tende a fazer do

fim uma causa da ação real. Entretanto, isso não significa a existência real daquilo que o homem prefigurou idealmente. Para além do conhecimento e da atividade teleológica, é imprescindível a ação: “Em poucas palavras, a atividade cognoscitiva por si própria não nos leva a agir” (VÁZQUEZ, 2007, p. 224).

Considera-se, também, que, nesse movimento, ao operar sobre o objeto, concomitantemente o homem transforma-se a si mesmo, pois “se o homem aceitasse sempre o mundo como ele é e se, por outro lado, aceitasse a si próprio em seu estado atual, não sentiria a necessidade de transformar o mundo nem de, por sua vez, transformar-se” (VÁZQUEZ, 2007, p. 224).

Segundo o autor, a atividade humana, para se efetivar, deve necessariamente colocar-se em prática, cujo cumprimento exige um conhecimento prévio, sem os quais não poderia alterar ou destruir certas propriedades da matéria, na qual o sujeito age e que existe independentemente de sua consciência e da atividade subjetiva que o criou. Seguindo as proposições de Vázquez, Pimenta (2006) discute que:

A atividade teórica é que possibilita, de modo indissociável, o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente. Quer dizer, retomando Marx, não basta conhecer e interpretar o mundo. É preciso transformá-lo (PIMENTA, 2006, p. 92).

A partir dessa caracterização, o aluno-estagiário deve ser estimulado a exercer uma prática ativa e reflexiva, sendo orientado a buscar a essência do objeto em que atua: o processo saúde/doença. Esse, aliás, é fruto histórico e, necessariamente, requer o conhecimento prévio de conceitos, categorias teóricas, estudo histórico da realidade, dos instrumentos necessários e das condições em que ocorrem os fenômenos em estudo.

Nas palavras de Kulcsar:

O conhecimento elaborado, principalmente no decorrer dos anos escolares, adquire força educativa quando se torna instrumento capaz de auxiliar o sujeito a atuar concretamente na natureza e na sociedade de modo crítico e transformador. A dualidade, sempre presente, entre informação e formação, instrução e educação fica superada pela sua relação com a prática social (KULCSAR, 1994, p.70).

Assim, ao se refletir sobre a função e a realização do estágio para a educação dos futuros trabalhadores da área de enfermagem, concorda-se com Vázquez (2007) quando ele afirma que a teoria em si não transforma a realidade, mas contribui para sua transformação ao sair de si mesma e materializar-se por meio de uma série de mediações. Igualmente, a prática

• • • • • • • • • •
**o aluno-estagiário
 deve ser estimulado
 a exercer uma prática
 ativa e reflexiva, sendo
 orientado a buscar a
 essência do objeto em
 que atua: o processo
 saúde/doença. Esse,
 aliás, é fruto histórico e,
 necessariamente, requer
 o conhecimento prévio
 de conceitos**
 • • • • • • • • • •





também não fala por si mesma. O contato do aluno com diversos cenários de aprendizagem (hospital, ambulatorios, postos de saúde, programa saúde da família, entre outros) se torna, portanto, algo fundamental porque há diferentes complexidades que envolvem os problemas de saúde e que dizem respeito às condições socioeconômicas e históricas de uma população e região que, por sua vez, mobilizam diferentes áreas do conhecimento. Aproximar-se dessa realidade é imprescindível à aprendizagem do processo de trabalho em saúde.

Tal concepção corrobora com a Resolução do CNE/CEB nº 1/2004, que define o estágio curricular para Educação Profissional Superior e de Nível Médio como ato educativo, supervisionado e vinculado ao currículo e ao projeto político pedagógico da instituição de ensino, devendo ser realizado ao longo do curso em locais que proporcionem aos alunos, pela participação em situações reais de vida e de trabalho, e de estudo no seu meio, experiências profissionais aliadas a um desenvolvimento sociocultural e científico (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2004). Integrar teoria e prática. Entretanto, essa ideia de estágio e de formação profissional não norteou o ensino de enfermagem, pois, como se verifica na história da profissão,¹ a lógica de sua profissionalização pautava-se na concepção médico-curativa, orientada pela fragmentação e tecnificação das atividades de assistência ao doente, que tomavam a doença e o doente apenas como objetos, independentes de mediações sociais.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo realizado em um Curso Técnico de Enfermagem no Estado do Paraná. Foram entrevistados, individualmente, doze alunos-estagiários e três professores supervisores de estágios. Cada entrevista teve duração média de 60 minutos.

Para análise das entrevistas, todas as gravações foram transcritas na íntegra. Aos entrevistados, foi assegurado, com base na Resolução nº. 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, o anonimato e a participação voluntária, sendo utilizada a seguinte proposta para identificação dos participantes: Letra “E”, seguida do número, entre um a doze, para os estagiários (E. 01, E. 02, E. 03...) e Letra “P”, seguida de número, entre um a três, para os professores (P. 01, P. 02, P. 03).

Optou-se pela utilização de entrevistas semiestruturadas pelo fato delas possibilitarem liberdade ao entrevistador para que elaborassem novas questões que o permitam explorar melhor o tema estudado a partir das respostas do entrevistado (GIL, 1996).

Discussão dos resultados

Dissociação entre teoria e prática

Pelos dados apresentados anteriormente, pôde-se perceber que o curso pesquisado tem como finalidade formar técnicos de enfermagem para exercer

a profissão de acordo com os requisitos do mercado de trabalho. Embora o discurso do Plano de Curso demonstre que o curso privilegie a teoria e a prática ao mesmo tempo, 55% dos entrevistados apontam que a dinâmica do campo de estágio nem sempre possibilita que essa unidade ocorra de forma tranquila. As demandas que surgem para a enfermagem no cotidiano são complexas, e não respeitam a mesma lógica do programa de ensino seguido pela escola:

Chegando ao hospital, por exemplo. A gente foi na primeira semana e não tinha visto nem sinais vitais aqui na escola. Como que você vai entrar num hospital de branco e uma hora ou outra vai chegar um para você: - por favor, você pode aferir minha pressão? E você: – eu não sei. – o que você está fazendo aqui? Entende? Eu lembro que o primeiro dia a gente chegou lá, a gente sempre procura chegar bem antes, e a professora perguntou o que nós tínhamos visto de sinais vitais. Nada! Então, vamos lá. Vamos para uma sala antes e vocês vão ver o que é uma pressão normal e o que não é, e têm que gravar. Pelo menos leva ali na cadernetinha, né? O que vocês precisarem leiam, procurem, prestem atenção. Perguntem. No primeiro dia, a gente foi direto ver sinais vitais, sem ter visto aqui. Outra coisa que eu achei muito interessante foi que no primeiro dia de estágio a gente teve que fazer retirada de ponto. [...]. Ela passou sinais vitais para a gente lá no hospital na hora, meia hora, vinte minutos antes de eu vir para a retirada de pontos, né? Ela falou que ninguém sabe tudo e que um dia você teria que aprender, então, vai ser hoje. Beleza (E. 11).

A dissociação entre teoria e prática é explicitada pelas verbalizações, que citam que a execução de algumas técnicas também muda de um professor para outro, pois é comum haver diferença entre a técnica ensinada pelo professor de teoria e a ensinada pelo professor de estágio. Isso, segundo os alunos, acaba, muitas vezes, sendo problemático e conflituoso, uma vez que o professor da teoria, ao avaliar o aluno, exige a execução do procedimento de acordo com a técnica ensinada em sala de aula; porém, no campo de estágio o professor supervisor avalia de acordo com a técnica por ele ensinada. A ausência de padrão na realização das técnicas gera, nos alunos, um sentimento de insegurança e é creditada à formação diferenciada de cada professor. Como possível solução para esse conflito, os estagiários apontam que deveria ocorrer melhor comunicação entre os professores de teoria com os professores de estágio para, assim, se alcançar articulação efetiva entre unidade de ensino e campo de estágio. No entanto, pouco se tem feito para essa efetivação.

O conteúdo das entrevistas com os professores revela que a integração entre professor supervisor e professor de teoria ocorre em momentos específicos, quando um ou outro percebe alguma dificuldade do estagiário em determinada “parte do estágio” (P.02). Na verbalização de P. 03, é possível perceber que o acúmulo de funções pelos professores é visto como obstáculo a uma maior interação entre o campo de estágio e a unidade de ensino.

Cada professor tem um trabalho que segue com a vida docente. Tem professor que trabalha no hospital, tem professor que trabalha na se-



cretaria de saúde, tem professor que trabalha no pedágio, tem professor que trabalha em tudo isso (P. 03).

Fica, também, implícito no conjunto das ideias reveladas pelas entrevistas que a dificuldade de se estabelecer uma ligação entre o que se aprende em sala de aula e o que se faz e aprende no campo de estágio é atribuída a uma falta de abertura dos professores para refletir as diferentes formas de aplicar os conteúdos que fundamentam o trabalho de enfermagem, as quais os alunos estão tendo contato ora via estágio ora ambiente escolar:

Aí que está o problema, porque depende de cada professor. Aqui, nós aprendemos uma técnica, mas chegamos lá com outro professor e ele ensina outra técnica que é mais fácil, digamos assim. Vamos citar uma matéria que seja, Introdução ou Fundamentos: a professora ensina uma técnica e quando nós vamos fazer lá, o outro professor ensina a outra técnica que é mais fácil. Só que aqui no laboratório, em sala de aula, tem que fazer a técnica da professora. Eu tenho que fazer aqui, para contar a nota da aula, a técnica da professora que está ministrando aula. Não a técnica do professor de estágio. Então, te complica um pouco. [...] É complicado para a gente que é aluno. Dá um nó na cabeça. Dá insegurança porque você está mexendo com vida. Você fica pensando, né? Qual técnica você vai usar? Que diferença faz? (E. 05).

Algumas coisas são diferentes. Não bate alguma coisa e outra. Tipo, nas aulas teóricas, a gente aprende de um jeito. Às vezes, falta aos professores de aula teórica e aula prática conversarem para ver o assunto que eles estão dando. A maneira... porque cada um tem a sua maneira, nenhuma é a certa... quer dizer, nenhuma é a errada, mas cada um tem a sua maneira. Mas, às vezes, a gente aprende alguma coisa aqui e lá é de outra maneira, mas cada um tem a sua. Eu acho que os professores poderiam conversar para se entenderem. Só que não tem como a gente tentar dizer assim, porque cada um aprende de um jeito na faculdade que faz, né? (E. 07).

Outra questão apontada pelos entrevistados refere-se à ideia de que a realização do estágio marca a prática da teoria, voltada na sua exclusividade para uma formação técnica instrumental. Para a maioria dos entrevistados, a teoria é o suporte da prática. Esta, por sua vez, é concebida como mera aplicação da teoria. Assumem que é pela teoria que se determina as ações práticas no campo de estágio. Entretanto, consideram preferencialmente que a formação do Técnico de Enfermagem ocorre mais na prática, no contato direto com o paciente e com os profissionais, razão pela qual indicam, conforme os depoimentos de P.02 e P.03, que a carga horária de teoria poderia ser reduzida em favor da ampliação da carga horária de estágio. Isso consiste em reduzir os fundamentos teóricos e privilegiar o pragmatismo e a experiência.

Os entrevistados indicam a redução do estágio a um espaço de exercício de instrumentalização técnica das práticas voltadas ao agir profissional e acentuam a ideia de que teoria e prática são pensadas de modo opostos:

Na teoria, você decora. Na prática, você aprende. Então, você vai lá na prática e aprende. Você vai lá na prática e faz o procedimento que você viu na teoria (E. 03).

A gente faz a parte da teoria para você ter uma noção teórica do que você vai pôr em prática. A gente está tendo assistência em saúde coletiva, a gente aprende na teoria tudo o que você vai realizar no posto de saúde. [...] Às vezes, a teoria pode estar um pouquinho mais atrasada do que a prática, mas o professor de estágio tem uma formação que pode muito bem orientar. O que você não sabe eles te ensinam ali na prática. Não necessariamente teoria e prática caminham juntas, mas os professores ali são muito bem treinados e ensinam muito bem (E. 10).

Eu acho que deveria ser toda a teoria para depois o estágio. Nem que fosse uma carga mais reduzida de teoria, para depois ficar só com o estágio (P. 02).

Eu acho que muitas vezes o estágio é pouca hora. A gente trabalha 100 horas com o aluno e eu acho pouco. Eu acho que deveria aumentar a carga horária do estágio. Eu acho que em torno de 200 horas, porque o aluno teria uma noção muito maior da prática (P. 03).

Ainda, segundo o sujeito P. 02:

É mais complicado para quem está supervisionando o estágio, porque você tem que explicar. Além de você supervisionar, você tem que explicar toda a teoria no momento do estágio, onde ele já deveria entrar com a teoria na cabeça para aplicar somente. Não, mas você tem que explicar toda a teoria. Para o professor que supervisiona o estágio, é complicado. Eu acho que o professor que dá estágio para a introdução ele se vê louco porque é um grupo de cinco, seis alunos. Imagine você estar correndo com o outro sem saber. Você tem que estar em cima, porque está a vida em jogo do paciente ali, né? É complicado (P. 02).

Nesse depoimento, a percepção da entrevistada é de que o professor de estágio deveria ocupar-se apenas da supervisão da prática, sem se envolver detidamente em momentos de explicações teóricas, já que a teoria deveria vir da sala de aula para ser aplicada no campo de estágio. A essa questão soma-se o fato de o professor de estágio ficar em permanente estado de tensão diante da responsabilidade que assume perante as ações dos alunos junto aos pacientes, momentos em que o professor “fica com o coração na mão” (P. 02) pela falta de conhecimento e insegurança do aluno na realização da técnica.

O aluno é o responsável por seus méritos e fracassos

Outro fato que chama a atenção nas entrevistas é o crédito dado ao aluno pela dificuldade de relacionar teoria e prática por seu precário histórico escolar, pela sua idade e pelas condições em que ocorreu sua escolarização.

Sem considerar as restrições socioeconômicas impostas para o acesso a um conhecimento mais elaborado, o aluno é considerado o único responsável pelo seu estudo insuficiente.

As verbalizações ignoram a realidade que se assenta sobre a reflexão da formação escolar do trabalhador na sociedade capitalista, impondo a dissociação entre ação e concepção, que se fundamenta na divisão social do trabalho entre manual e intelectual, na qual cada homem passou a realizar um trabalho que se configura dividido, determinado, exaustivo e alienado.

Também é desconsiderado que esse fato reverbera nas relações sociais que atuam na produção e reprodução de homens necessários ao capital, estabelecendo um grau de hierarquia entre os trabalhadores, ao mesmo tempo que diferencia a forma de educá-los e de repassar os conhecimentos construídos historicamente.

Nesse sentido, o modo como ocorreu e/ou ocorre a escolarização dos alunos não é resultado de uma abstração que impõe a desigualdade entre os homens a partir da naturalização das capacidades individuais, mas da concretude de suas vidas contextualizadas histórica e socialmente:

A questão é que os alunos chegam com o aprendizado um pouquinho... Como vou dizer? Fraco. Há muitos alunos que vêm do CEEB-JA [Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos]. Então, eles têm um conhecimento teórico um pouco fraco em relação àquilo que nós exigimos na teoria. A gente tem que voltar muitas vezes para o laboratório, para a sala de aula, para eles conseguirem interagir teoria com prática. Então, a gente volta e até comenta com os professores, principalmente o primeiro semestre, de repente avançar um pouquinho mais na questão teórica em alguns conteúdos, para que nós possamos cobrar na prática. Nessa questão, é um pouquinho de dificuldade, porque, veja bem, tem alguns conteúdos que lá no hospital a gente já vai ter que cobrar ou fazer com que eles façam, né? E eles ainda não tiveram porque eles têm o semestre todo para ter a teoria. Só que quando eles chegam lá para o hospital, essa teoria já está acontecendo na prática. Nessa questão, a gente sempre comenta. Tem professores que acham que primeiro a teoria, depois a prática. Eu não acho. Eu já acho que é bem assim concomitante, é uma questão assim que ajuda o aluno. Porque você já vê a dificuldade e de repente já tem até passado a teoria aqui, mas é um aluno que... Tem alunos de 30, 40 anos, até 50 anos, que estão aqui querendo fazer um curso técnico. Eles têm essa dificuldade, a gente volta para a sala, retoma o conteúdo, quando eu estou na teoria é mais fácil, né? Daí a gente consegue trabalhar muito bem essa questão. Nada contra o outro curso também, que tem primeiro toda a carga horária da teoria e depois vem a prática. Nada contra, mas eu acho assim que na minha observação, pelo que eu percebo nessa questão, na minha concepção como professora e supervisora, eu acho assim muito bom a questão deles poderem, apesar das muitas dificuldades, porque aí entram vários itens: a idade, o tipo de ensino fundamental e médio que eles tiveram, da questão matemática, português, é muito, né? (P. 01).

As contribuições do estágio para a formação profissional: entre o real e o ideal

Ao serem questionados como a realização do estágio contribui para as aulas, os entrevistados apontaram que a prática realizada no estágio possibilita uma compreensão da teoria, pois no estágio a teoria se concretiza e as dúvidas que surgem na aplicação das técnicas oportunizam uma participação mais ativa dos alunos nas aulas teóricas. Os entrevistados relataram que a realização do estágio oportuniza o contato direto com equipamentos e patologias conhecidas por eles apenas através de figuras, revelando que a aproximação com o campo de trabalho marca a possibilidade de os alunos refletirem sobre as diferenças entre a realidade da escola e o campo de estágio.

Se, de um lado, encontra-se nos depoimentos dos sujeitos uma avaliação positiva na realização dos estágios, de outro, eles também a avaliam como uma experiência limitadora. Demonstram que a função ideal da realização do estágio na formação profissional do técnico de enfermagem tende a uma ideia enriquecedora. Porém, ao avaliar o estágio real, ou seja, os estágios que eles têm feito, a análise se torna mais problemática, como se viu, pelo fato de não se sentirem totalmente inseridos, considerando-se, muitas vezes, como intrusos na equipe de trabalho, além de não poderem participar do planejamento do próprio estágio, restando-lhes apenas mostrar serviço, a fim de não perder o espaço de aprendizagem, “porque precisam estar ali no próximo período” (E. 05). Conforme E. 06, os estagiários são orientados a aguentar a situação porque estão num espaço que é cedido à escola para a complementação da formação profissional de seus alunos.

O cerne do entendimento é de que a prática de estágio desenvolve as habilidades instrumentais que são necessárias ao desempenho da profissão, mas essa prática não fala por si mesma, o que exige uma relação teórica com o conhecimento da prática acumulada (PIMENTA, 2006):

Você não vai ter tempo de tirar suas dúvidas teóricas com o teu professor de estágio, você tem que tirar com o professor da teoria (E. 02).

Geralmente, se o professor de estágio te ensina alguma coisa, você vem para a aula teórica, você já tem uma noção e você consegue assimilar mais a parte teórica. Você consegue aprender melhor a parte da teoria. Porque você já teve uma noção prática. Você vem para a aula e já sabe mais ou menos como que... você consegue aprender melhor, na verdade. Às vezes, se você fizer antes é melhor até para uma prova. Você já tem uma noção um pouquinho melhor. Na realidade, as nossas provas são mais assim o que você entendeu. Você deve colocar com as suas palavras, mas tudo dentro de uma técnica. Eu acho, assim, que se aprender na prática a teoria facilita bastante também. Tem um conhecimento melhor da teoria daí. E vice-versa, porque assim como você pode aprender alguma coisa na teoria e vai para prática também sabendo. Aqui a gente tem muitas aulas de laboratório, de aula no laboratório, aulas em sala de aula, teatros. A gente desenvolve muitas coisas aqui (E. 10).



É interessante observar que as dúvidas levantadas pelos alunos advindas do campo de estágio, quando não consideradas e conduzidas pelos professores de teoria, acabam gerando conflitos entre alunos e professores. Da parte dos discentes, as necessidades intelectuais e técnicas destoam dos conteúdos preparados pelos professores para as aulas, o que gera, segundo os alunos, reclamações frequentes dos docentes devido às interrupções em suas aulas feitas pelos alunos para sanar dúvidas inerentes ao campo de estágio. Infere-se, pelos discursos dos alunos, que eles estão expostos a uma formação que visa capacitá-los para agir e pensar a raiz do problema de forma radical.

Os conteúdos das entrevistas indicam que o curso não toma a prática como referência para a teoria, o que reforça ainda mais a ideia de que, para alguns entrevistados, teoria e prática deveriam ter momentos distintos na formação do técnico de enfermagem. Tal posicionamento, por sua vez, revela um desacordo na relação entre professores e alunos sustentada a partir do conhecimento e da ideia de que os professores mandam e os alunos obedecem.

Nesse sentido, em uma verdadeira relação de “poder-saber”, o professor enfatiza o que os alunos devem aprender e o momento desse aprendizado, bem como aquilo que devem apresentar em termos de comportamentos, buscando configurá-los em um papel passivo como meros observadores das aulas e executores das técnicas, revelando, nesse caso, que a relação entre professores e alunos, mais especificamente, entre enfermeiros e futuros técnicos de enfermagem, faz parte de um ideal cultural, historicamente construído e desenvolvido pela coletividade social, que subordina o saber da enfermagem de nível médio ao saber da enfermagem de nível superior. Protagoniza-se, assim, o fazer direcionado para os técnicos e o pensar aos enfermeiros, que dominam o conhecimento acumulado que orienta a prática.

Sendo assim, reafirma-se a dicotomia entre teoria e prática e a visão de que o estágio é considerado a parte prática do curso, momento em que os alunos empregarão os conhecimentos teóricos aprendidos. Pode-se inferir – pelos depoimentos que se seguem – que o fator capaz de aproximar a distância entre teoria e prática, de acordo com os entrevistados, é a própria teoria, que se torna elemento essencial no controle e planejamento das ações; entretanto, defendem mais a prática. Uma observação mais atenta promove a reflexão de que essa teoria é uma justificativa que tem como ponto de partida e de chegada a prática, o que reafirma o caráter pragmático já evidenciado momentos antes, quando foi possível verificar o interesse, demonstrado por alguns entrevistados, de que o curso deveria aumentar a carga horária prática dos estágios e diminuir a carga teórica.

Você pergunta e o que você leva de resposta: – calma! Vocês vão ver isto ainda. Entende? E a gente não tá conseguindo se acertar com os professores por causa disto. Questão de anatomia, por exemplo, a gente chega à sala e faz pergunta, e o professor fica indignado: – calma, não coloquem a carroça na frente dos burros. Fica indignado porque na verdade a gente sempre está cortando a aula dele com dúvidas que ocorrem no estágio. O do Pronto

Atendimento agora, a gente chega ali e você tem histórias para contar e não dá para falar nada, não dá para perguntar, pelo fato que vai estar sempre atrapalhando. Você vem para uma aula ali que você vai até ficar quase dormindo. Você pensa assim: - poxa, isso eu já vi. Já vi tanto, já vi. E tenho que ficar escutando. Então eu acho que o correto é que deveria ser separado. A pessoa aprenderia melhor talvez, ou aprenderia o jeito correto. Porque na hora de uma emergência, de tanta correria, você pode improvisar e quando for ver na teoria, você vai ter um mecanismo diferente (E. 11).

Eu mudaria... ter a teoria e depois ir para o estágio. Eu trabalhei numa instituição que trabalha dessa forma e eu acho muito mais proveitoso, por mais que você não tenha dado a disciplina teórica. Você tem a ementa do professor, sabe o que ele deu e sabe o que cobrar depois no estágio. Se ele não teve, não tem como você cobrar, entende? Claro, a gente está lá para ensinar, mas eu acho que a fundamentação teórica é primordial. Pense uma aula de anatomia, você vai para estágio sem ter anatomia, né? Não tem lógica. Vai fazer uma intramuscular, mas não sabe onde fica o deotóide, onde... né? Eu acho que é muito complicado para quem está lá na ponta, com os alunos nos estágios. Você vai: - olha, pega a veia basílica. - Tá, mas cadê? Eu não tive anatomia ainda. E daí? Eu acho que eles não absorvem o conhecimento na prática, eu acho que é importante ter toda a teoria e depois o professor poder cobrar lá no estágio. Até quando você cobra eles reveem o conteúdo, parece que isso fixa mais. Na hora da prática, ele precisou e vai lá, pesquisa, e nunca mais esquece. Acho que tem que rever isso daí (P. 02).

Nesse sentido, em que pese o fato de o contexto analisado ser marcado por complexas divisões de trabalho, que privilegia a separação entre trabalho intelectual e manual, em muito valorizada pela dissociação teoria e prática, a análise das entrevistas revelou que, para os alunos, o conhecimento teórico/prático dos professores com relação aos conteúdos que ministram é de fundamental importância para a formação profissional.

Dificuldades e desafios do enfermeiro professor para estabelecer a unidade entre teoria e prática no campo de estágio

Dialeticamente, sabe-se que não é possível conceber a teoria separada da prática ou a prática desvinculada de uma teoria. Entretanto, isso não significa que, ao dominar os conteúdos, o enfermeiro, na posição de professor, obtenha domínio didático para lidar com a dinâmica das salas de aula, com

as dúvidas e as limitações dos alunos. Afinal, a falta de habilidades pedagógicas de alguns enfermeiros professores não deixa de ser percebida pelos alunos como uma complicação ao processo de aprendizagem, algo que dificulta o repasse e a apropriação do conhecimento e que tem consequências, inclusive, na relação pessoal entre alunos e professores. Na visão dos alunos, isso é algo que deveria ser diferente:

Sabe, a gente está com dificuldades. Tem professores aqui que podem ter currículos excelentes, mas na hora de ministrar aula, tá complicado. Eu sou muito falante, eu pergunto demais, eu quero saber demais e daí me deixam sem resposta. Tá certo, ninguém sabe tudo, mas deviam dar uma resposta mais convincente. Não na próxima aula eu trago. Ah! Não faça pergunta difícil. Então, né? Pode ser num tom de brincadeira, mas podiam dar uma, uma... na próxima aula eu te trago, ou vamos estudar. Pode ser o próximo tema da aula. Eu acho que está deixando a desejar. Não estou falando mal, sabe? Eu acho assim que tem professor deixando a desejar. Se você conversar com o pessoal do meu curso, você vai ver isso. O pessoal da minha sala vai ter a mesma base. Tem muitos professores que estão deixando a desejar. Podem ter um currículo excelente, mas na hora de ministrar as aulas têm dificuldades (E. 05).

Ocorreu durante o estágio. Foi no segundo semestre. Ela foi fazer um procedimento, a professora não viu. Talvez ela não tenha feito certo, mas nós estamos aprendendo. Nós não sabemos, nós estamos aprendendo. A professora fez horrores. Chamou a atenção, dizendo que não iria conseguir, que se fosse outro semestre iria acabar ficando. A professora maltratou a menina. Acho que é isso que me deixa insegura. A gente fica arredio, com medo. Então, é melhor pegar e cumprir o dever que a gente tem. O aluno está aprendendo ali, né? Não tem como entrar sabendo. Aprende na teoria, mas na prática é diferente (E. 08).

Alguns estudos, que apontam para a reflexão da compreensão e caracterização do trabalho de enfermeiros docentes de cursos técnicos em enfermagem (FERREIRA JUNIOR, 2008; VALENTE; VIANA, 2006; ZOCCHÉ, 2007; BASSINELLO; SILVA, 2005), sugerem que as dificuldades encontradas nas práticas pedagógicas executadas pelos docentes ocorrem porque os cursos de graduação em enfermagem direcionam seus currículos essencialmente para um viés técnico, sem uma educação suficiente que assegure formação pedagógica e didática para que os enfermeiros atuem em sala de aula.

Apenas um entrevistado relatou que as vivências de estágios poderiam ser mais bem aproveitadas se os alunos fossem levados a desenvolver habilidades de pesquisador, elaborando um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o que possibilitaria, na opinião desse entrevistado, compreensão e problematização das situações por eles vivenciadas. Assim, atividades práticas desenvolvidas no campo de estágio seriam utilizadas para estimular a reflexão teórica e a análise crítica da realidade, de tal forma que os estagiários ultrapassassem a profissionalização estreita e pudessem, por meio de sua inserção no mundo do trabalho da enfermagem, assumir uma

postura que atendesse às demandas específicas da realidade institucional e social em que atuam e que devem ser constantemente repensadas com o respaldo científico.

A única coisa que eu mudaria na grade, se eu pudesse, é trazer de volta uma matéria que era chamada de Administração, onde a pessoa apresentaria o TCC, faria um estudo sobre alguma coisa para apresentar no final do curso. Eu acho uma disciplina muito importante para o crescimento da educação do profissional, porque ele tem que estudar, ele tem que correr atrás de bibliografia, ele tem que buscar informação. Isso eu sempre gostei, da pessoa buscar suas informações, suas bibliografias, fazendo um estudo científico. Durante o curso, ele busca fazer trabalhos, mas não é tão científico. Essa disciplina teórica faz falta no curso. Isso faz uma diferença grande até na instituição onde está ocorrendo o estágio. Isso é uma coisa muito importante porque leva para a instituição coisas muito importantes. Porque, às vezes, a gente não tem tempo de fazer tudo isso. Isso que eu acho a maior deficiência do curso técnico de enfermagem (P. 03).

Segundo esse mesmo entrevistado, a realização de estágios deve contemplar possibilidades para que o aluno possa “olhar o paciente como um todo e não só pela metade. Tem que entender o paciente, tanto no fisiológico, espiritual, psicológico e no social.” (P.03). Dessa forma, na opinião do entrevistado P. 03, o aluno se tornaria “um agente de transformação, agente de pensamento”.

Entretanto, pontua-se, inspirado nos princípios que norteiam a escrita deste trabalho, que para um processo educacional, em suas diferentes modalidades, propiciar uma ação de transformação no aluno, deve-se acentuar principalmente o contato com o patrimônio científico, artístico e filosófico em torno da natureza e do homem em sociedade como possibilidade de fazer a mediação entre indivíduo e gênero.

Tem-se, também, a partir da manifestação do entrevistado P. 03, que o estágio seria uma atividade teórico-prática de transformação, pois possibilitaria ao aluno aproximação com a realidade complexa do campo de estágio e o incentivaria à pesquisa, com o fim de transformar a realidade apreendida e, ao mesmo tempo, transformar-se. Entretanto, para que a atividade teórica, na realização dos estágios, opere transformações na realidade, ela precisa:

[...] sair de si mesma e, em primeiro lugar, tem de ser assimilada pelos que hão de suscitar, com os seus atos reais, efetivos, essa transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passo indispensável para desenvolver ações reais efetivas (VÁZQUEZ, 2007, p.235-236).

O estágio deve possibilitar ampliação do exercício profissional como prática social, o que implica concebê-lo através da práxis – entendida como “atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade”

(MARX apud PIMENTA, 2006, p. 86), que ultrapassa a definição de prática, pois se apresenta como atividade material refletida, transformadora e adequada a fins.

A realização do estágio, a partir do conceito de práxis, operaria uma transformação da natureza do trabalho e, conseqüentemente, da sociedade, pois nessa concepção os fenômenos naturais e sociais não são vistos apenas como abstrações do pensamento, mas entendidos a partir de um tempo e espaço determinado e em constante processo de transformação. Assim, “não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico), é preciso transformá-lo (práxis).” (PIMENTA, 2006, p. 86).

Considerações finais

Toda atividade prática envolve ingredientes teóricos que mantêm uma autonomia relativa às necessidades práticas, uma vez que “a teoria, por si mesma – como produção de fins ou de conhecimentos – não transforma nada real; ou seja, não é práxis” (VÁZQUEZ, 2007, p. 261), mesmo que mudem as ideias a respeito do mundo. A teoria possibilita o conhecimento da realidade e estabelecimento de finalidades para transformá-la, mas, para que isso ocorra, é preciso atuação prática (PIMENTA, 2006).

Sendo assim, o trabalho de enfermagem, intimamente ligado à prática do cuidar, envolve uma relação com a teoria acumulada e necessária à intervenção no processo saúde/doença. Nesse sentido, buscou-se demonstrar neste artigo que teoria e prática não são partes distintas ou separadas. Elas formam uma unidade que se insere em questões sociais e históricas mais amplas, que, dentro de um sistema que se organiza em classes sociais desiguais (de proprietários e não proprietários), tende a dissociar-se.

Esse fato interfere na maneira como foram e estão sendo repassados os conhecimentos da enfermagem para os trabalhadores de nível médio. A formação profissional desses trabalhadores é marcada pelo enfoque tecnicista e fragmentário das ações referentes ao cuidado, tendendo, por isso não somente à alienação do profissional, mas, também, ao comprometimento da qualidade da própria formação técnica necessária para a solução dos problemas que aparecem na ação profissional. Coloca-se, então, como necessária, uma educação que privilegie o desenvolvimento do homem e suas ações como um processo histórico e dialético, por meio do qual os limites e as possibilidades dos diferentes trabalhadores das variadas instituições de saúde sejam vistos como construídos no processo de luta pela conservação ou transformação das estruturas sociais.

Ressalta-se que a possibilidade de superação de um ensino tecnicista incita um processo de escolarização e de apropriação dos conceitos científicos que propiciem a emancipação dos alunos e que o estágio, por se configurar um momento em que o aluno pode conhecer melhor sua área de atuação, pode também permitir a unidade teoria e prática, se despertadas nos sujeitos que participam dessa vivência, a reflexão crítica, a compreensão ideológica, cultural e política que institucionalizou e legitimou o trabalho da enfermagem.

Por fim, esclarece-se, neste contexto, que por educação emancipatória entende-se a educação que fornece os conhecimentos necessários para o rompimento com a lógica do capitalismo, que atravessa e legitima a posição alienante dos sujeitos nas relações sociais, oferecendo-lhes a possibilidade de reclamar para si a reelaboração de sua história. ■

Notas

Ver obras de Oguisso (2007); Moreira; Oguisso (2005); e Rizzotto (1999).

Referências

BASSINELLO, G. A. H.; SILVA, E. M. Perfil dos professores de ensino médio profissionalizante em enfermagem. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.76-82, jan./abr. 2005.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 21 de janeiro de 2004. Estabelece Diretrizes Nacionais para a organização e realização de Estágios de alunos da Educação Profissional e do Ensino Médio, inclusive nas modalidades de Educação Especial e de Educação de Jovens e Adultos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 fev. 2004. Seção 1, p. 21. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. Brasília, DF, 1996.



FERREIRA JUNIOR, M. A. Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 61, n. 6, p. 866-871, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000600012&lng=nrm=iso>. Acesso em: 21 jan.2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

KULCSAR, R. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: PICONEZ et al. (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

MOREIRA, Almerinda; OGUISSO, Taka. **Profissionalização da enfermagem brasileira**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

OGUISSO, T. (Org.). **Trajetória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri: Manole, 2007.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RIZZOTTO, M. L. F. **História da enfermagem e sua relação com a saúde pública**. Goiânia: AB Ed., 1999.

VALENTE, G. S. C.; VIANA, L. O. A formação do enfermeiro para o ensino de nível médio em enfermagem: uma questão de competências. **Enfermería Global: revista electrónica semestral de enfermería**, v. 5, n. 9, nov. 2006. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=1899444>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ZOCCHÉ, D. A. de A. Educação profissional em saúde: reflexões sobre a avaliação. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, p. 281-295, 2007.

